

Fotos: Arquivo pessoal



O grupo SAV, do qual Vandelícia faz parte, em ação

A força do coletivo

O que leva uma mulher a transformar sua dor individual em uma luta coletiva? Para Paulo Henrique Roberto, psicanalista e professor no Centro Universitário Uniceplac, a resposta reside em um processo de “cura política” e na construção de comunidades de apoio. Em um cenário no qual o machismo estrutural e a sobrecarga de papéis sociais ainda ditam o ritmo da exaustão feminina, histórias de transformação mostram que a saída para o esgotamento é, invariavelmente, coletiva.

O ativismo, na análise do profissional, não é apenas um ato político, mas uma necessidade psíquica. Ele explica que o movimento em direção ao grupo ajuda a mulher a nomear o mal-estar. “A dor deixa de ser vivida em dimensões por si só subjetivas e passa a ser reconhecida como fenômeno social. Isso

transforma o afeto em energia política”, afirma. Paulo Henrique destaca que o engajamento em causas como o feminismo e a luta antirracista proporciona uma “reinterpretação da dor simbólica”, o que reduz a culpa e o medo.

Ao se ver no grupo, a mulher desenvolve o que ele chama de senso de agência: ela deixa de ser alvo de normas para se tornar agente transformadora. No entanto, o professor alerta para os riscos dessa exposição. “O ativismo expõe continuamente a relatos de violência, isso pode marcar um contexto de adoecimento devido às marcas que essa truculência viril de homens ensimesmados deixa.” Assim, ele defende que a militante construa redes internas e utilize a psicoterapia para estabelecer limites claros entre a vida pessoal e a causa.

Isso porque, nessa busca por ser uma voz ativa, a mulher adiciona uma outra camada à própria rotina, que vai demandar ação, por vezes reação, e muito tempo de sua vida. Desse modo, a psicoterapia também pode auxiliar nesse processo, especialmente quando se trata de lazer, descanso, comunhão em algum nível com a espiritualidade. Enfim, discutir aspectos que permeiam a sobrevivência em espaços hostis também pode trazer exaustão mental. Pensar nisso e trabalhar no tema é garantir uma melhor luta pela bandeira que se leva.

O cuidado como propósito

No campo da ação direta, a história de Vandelícia Dias Rodrigues, 64 anos, ilustra como o cuidar de terceiros pode ressignificar a própria